

PERFIL DA INFECÇÃO PELO HPV EM ADOLESCENTES E ADULTAS JOVENS ATENDIDOS EM UMA UNIDADE DE REFERENCIA EM FEIRA DE SANTANA, BA
Kelma Larissa de Oliveira Silva¹; Rosely Cabral de Carvalho²; Adenilda Lima Lopes Martins³; David Félix Martins Júnior⁴.

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em Medicina, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: kelmalarissa_90@hotmail.com.
2. Orientador, Departamento de Saúde (DSAU), Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), email: elcarose@uol.com.
3. Membro da Sala de Situação e Análises Epidemiológicas, UEFS, email: adenildamartins@hotmail.com.
4. Membro da Sala de Situação e Análises Epidemiológicas, UEFS, email: dmartins@uefs.com

PALAVRAS-CHAVE: HPV, Câncer de colo, prevalência.

INTRODUÇÃO

O câncer do colo do útero é o segundo tipo de câncer mais comum entre mulheres. No Brasil, estimam-se 20 mil casos novos de câncer de colo de útero ao ano e uma incidência de 20/100 mil. Dados do Instituto Nacional do Câncer (INCA) indicam o surgimento de 17.540 novos casos de câncer de colo do útero por ano no Brasil, com taxa de incidência de 9,3%, e indicam ainda que o Papilomavírus humano (HPV) está presente em torno de 80% desses casos. Evidências epidemiológicas comprovaram que a infecção pelo HPV é causa necessária, mas não suficiente, para a ocorrência do câncer do colo do útero.

A prevalência do HPV no Brasil varia na dependência da região estudada, estando relacionada a fatores socioeconômicos e culturais. Ayres *et al* (2010) em revisão sistemática identificou diferença na prevalência nas quatro regiões estudadas: 43% no Sudeste, 21,4% no Sul, 21,4% no Nordeste e 7,1% no Norte do país.

A ausência de dados que indiquem o perfil de ocorrência e do comportamento desta infecção e fatores de exposição na região motivaram este estudo que objetiva descrever características sociodemográficas, tratamento, local das lesões e evolução por HPV em adolescentes e adultos jovens no Município de Feira de Santana.

MÉTODOS

Trata-se de estudo descritivo, elaborado a partir da análise de dados dos prontuários de pacientes adolescentes e adultos jovens (10 – 24 anos) atendidos em uma Unidade de Referência de Feira de Santana, no ano de 2011. Foram investigados dados sociodemográficos (idade, sexo, situação conjugal), diagnóstico (lesão de vulva, lesão de colo), tratamento (químico, cauterização, Cirurgia de Alta Frequência – CAF) e evolução (cura, abandono) da infecção por HPV e estimadas as frequências das variáveis e fatores de risco associados para infecção por HPV. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Feira de Santana (CAAE 0135.0.059.000-11).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram avaliados os prontuários de 97 mulheres, entre adolescentes e adultas jovens, com média de idade de 20,7 anos, sendo que a distribuição da infecção HPV por faixa etária se deu da seguinte forma: 42,5% dos casos em adolescentes (faixa etária de 12 a 19 anos) e 57,5 % dos casos na faixa etária de 20 a 24 anos (adultas jovens). Constata-se assim que a distribuição é praticamente equivalente entre adolescentes (12 a 24 anos) e adultas jovens (20 a 24 anos) com predomínio apenas discreto das últimas (58%) como demonstrado na figura 1.

Foi encontrado positividade para o HPV em 45% dos casos, como demonstrado na figura 2, ou seja, 44 prontuários reforçando a informação de que a prevalência de HPV nessas faixas etárias é alta.

A grande maioria (92,6%) das mulheres atendidas eram solteiras (sem companheiros estáveis), 6,3% casadas e 1,1% conviviam com alguém, podendo-se inferir a relação entre os hábitos de vida sexual e a infecção pelo HPV.

Quanto à localização das lesões, vê-se na figura 2 que a manifestação mais freqüente da infecção foi a lesão de colo, 92,0 % dos casos e apenas 8% manifestaram lesões na vulva. Esse predomínio de lesões cervicais está relacionado aos subtipos dos vírus e aos seus variados potenciais oncogênicos.

O tratamento foi realizado por 66 mulheres (68% dos casos), destas 54,4% realizaram tratamentos químicos, 30,3% eletrocauterização e 15,2% CAF (Cirurgia de Alta Frequência). Em relação ao resultado do tratamento, 75,3% evoluíram para a cura, 21,2% abandonaram o tratamento e 3,5% estavam em acompanhamento. Como é demonstrado na figura 3, vê-se o predomínio dos tratamentos químicos tópicos costumam ser realizados nas lesões intraepiteliais de baixo grau, o que é um fato relevante que esses tratamentos estejam sendo realizados precocemente.

Apesar do tratamento ter sido realizado pela maioria das mulheres (68%), vê-se ainda que a cobertura dos serviços pode ser mais eficiente, aumentando tanto o diagnóstico quanto o número de casos positivos tratados. Além disso, das mulheres que foram tratadas, nem todas evoluíram para cura ou prosseguiram com o tratamento, tendo um índice importante de abandono.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos prontuários aponta para a necessidade da melhoria do registro dos dados, uma vez que essas informações são importantes tanto para o acompanhamento individual das pacientes como para fontes de pesquisas epidemiológicas no município, já que estamos tratando de um serviço de referência em câncer.

Os resultados apresentados revelam a importância do diagnóstico e tratamento na faixa etária estudada, baseando-se no fato que o diagnóstico precoce determina o sucesso do tratamento e a remissão da lesão.

Assim, esses resultados poderão colaborar com a racionalização da oferta de serviços, tratamento e profilaxia no local estudado. Espera-se que esse estudo justifique a formulação de políticas de prevenção do câncer do colo do útero, e aumento da oferta de serviços para diagnóstico e tratamento no município de Feira de Santana.

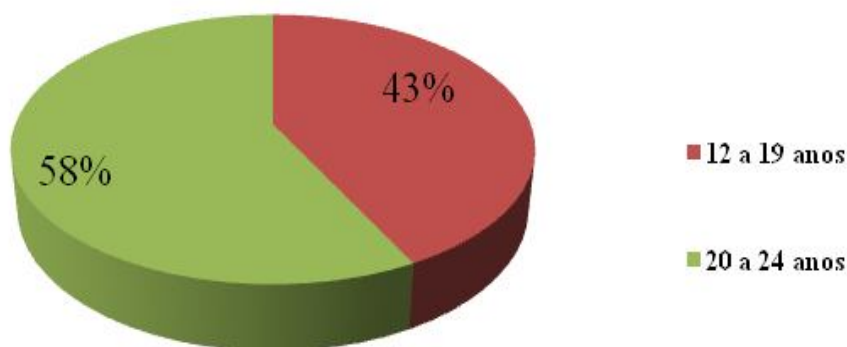


Figura 1. Distribuição do HPV por faixa etária

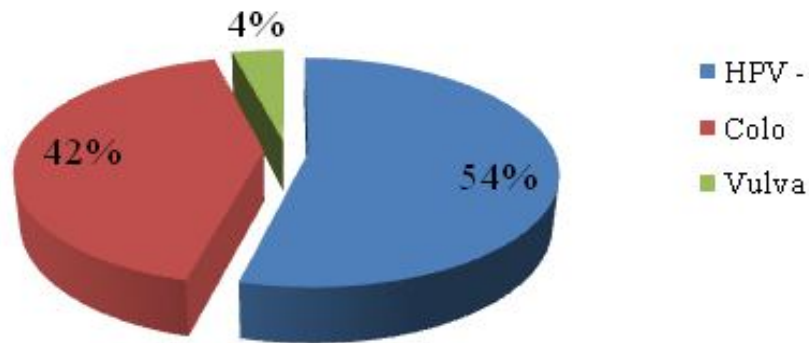


Figura 2. Presença do HPV e localização das lesões

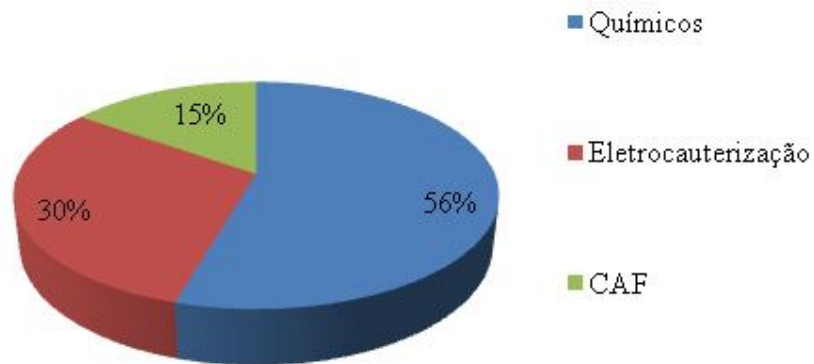


Figura 3. Distribuição dos Tratamento realizados

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AYRES E COL. 2010. Prevalência de infecção do colo do útero pelo HPV no Brasil: revisão sistemática. In Rev Saúde Pública; 44(5): 963-74p.
2. BRASIL. INCA. Estimativa 2008. Disponível em: http://www.inca.gov.br/estimativa/2008/index.asp?link=conteudo_view.asp&ID=5. [Acessado em 17 de Set de 2013].
3. MINISTÉRIO DA SAÚDE (BRASIL). Manual de DST: infecção pelo Papilomavírus. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/>. [Acessado em 17 de Set de 2013].